

*Conceito: letras com a métrica adequada ou
escolher e adaptar a outro instrumental em direto*

CEM LETRAS PARA FADO

Fado Tradicional de Adelino a Zé Negro

Forge FC Campos



Coleção
JDAS





Cem Letras Para Fado

Fado Tradicional de Adelino a Zé Negro

Conceito: letras com a métrica adequada ou escolher e adaptar a outro
instrumental em direto
de
Jorge JC Campos



Coleção IDAS – Integração e Desenvolvimento de Atividades Socioculturais
GAGICRC Media Press, Lisboa, Portugal 2018



© Todos os direitos reservados
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra.

GAGICRC Media Press
media@gagicrc.com
<http://media.gagicrc.com/>

Título: Cem Letras Para Fado
Autor: Jorge JC Campos
Editor: Fernando Teodósio
Ilustração: Nádía Velez



Fotos: Acervo pessoal do autor
Projeto Gráfico, Capa e Impressão Offset: GAGICRC Media Press
Revisão, e Produção Executiva: Fernando Teodósio
Impressão e Acabamento: Gráfica Bubok, Espanha

1ª Edição: agosto 2018

O conteúdo artístico e literário desta obra é da responsabilidade do autor

© Jorge JC Campos
© Fernando Teodósio
Cem Letras Para Fado - Fado Tradicional de Adelino a Zé Negro
ISBN formato papel: 978-84-685-3094-9
ISBN formato pdf: 978-84-685-3095-6

Impresso em Espanha
Editado por Bubok Publishing S.L.

“Reservados todos os direitos. Salvo exceção prevista pela lei, não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, nem a sua incorporação a um sistema informático, nem a sua transmissão em qualquer forma ou por qualquer meio (eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros) sem autorização prévia e por escrito dos titulares do copyright. A infração de ditos direitos implica sanções legais e pode constituir um delito contra a propriedade intelectual.

Dirija-se a CEDRO (Centro Espanhol de Direitos Reprográficos) se precisa de fotocopiar o escanear algum fragmento desta obra (www.conlicencia.com; 91 702 19 70 / 93 272 04 47).”

Agradecimentos

O livro Cem Letras Para Fado resultou de muitas horas de análise. Concretizado numa escrita acessível para ser entendido pelo público, em geral.

Agradeço à Sofia Mendes pela imediata disponibilidade em acompanhar-me nesta tarefa, em apoiar-me nos necessários aspetos. A que incondicionalmente está comigo nesta tarefa de escrever, compreendendo que por vezes a solidão é essencial para a criação de estórias e letras para canções. “Sim. Cumpre o teu sonho.”

Uma palavra especial para o professor Fernando Teodósio, que recebe calorosamente estas minhas ideias. Que valoriza o trabalho dos novos autores e dá-lhes seguimento até à apresentação dos mesmos através do seu grupo GAGICRC Média Press. Tem, no meu entender, um espírito dinâmico e empreendedor.

Agradeço também à ilustradora Nádia Velez, pelo desenho da capa, sóbria e simples e, as ilustrações do material de promoção deste livro, as adequadas aos tempos de hoje.

Este livro é dedicado ao Fado tradicional e espero partilhar com ele este meu momento de alegria. É no fadista que procuro a inspiração para o meu trabalho quotidiano e quem o quiser terá a letra ao seu gosto. Única. Pessoal.

O meu muito obrigado a todos.

Jorge JC Campos

Índice

Prefácio	15
Adelino.....	17
A lenda de D. Fuas Roupinho	17
Adiça	19
As horas passam, não passam.....	19
Alberto.....	20
A melhor Aurora.....	20
Alcântara	21
Dois fados num fado	21
Alfacinha.....	23
Que a tua vida renasça.....	23
Alice (Maria Alice ou Raquel)	24
A velhinha mendiga.....	24
Amália	26
Amália cantadeira de Lisboa.....	26
Amora.....	28
Depois do dia vem noite.....	28
Anadia	29
Hás de chegar um dia.....	29
Aracélia.....	30
Dia de lembranças	30
Artilheiro.....	31
Nasci para o fado.....	31
Bacalhau	32
A sublime de entre as flores.....	32
Bailado (ou Fado dos olhos fatais)	33

A Vénus, o meu triste fado.	33
Bailarico	35
Lisboa	35
Balada (Fado da Balada).....	37
O Fado do Zé António	37
Batê	39
O fado tudo me diz	39
Bica (Fado da Bica)	40
Se rebanhos eu guardasse!.....	40
Bizarro	41
Chegou o dia. Irrompe a claridade	41
Blanc	42
Diz menina a tua graça	42
Britinho	44
Este teu filho.....	44
Cabaret.....	46
Pergunto a mim mesmo do amor.	46
Calisto	47
A linda Varina de Espinho	47
Camélia.....	49
Bairro Piscatório de Silvalde	49
Carlos da Maia 4 ^a	51
O brilho dos teus olhos.....	51
Carlos Maia 6 ^a	53
A minha bela mulher.....	53
Carmencita	55
A minha alma anda a gemer.....	55
Castanheiro (Fado do Castanheiro).....	57
Chegaste à terceira idade	57
Carriche.....	58
O não falado fado de Inês	58
Cigano/a.....	60

O Homem, mendigo.....	60
Correio.....	62
Aurora do Jesus, Peixeira	62
Corrido	64
O portão que dava para o nada.....	64
Cravo	67
Preciso nascer de novo	67
Cuf	69
Menina quero que sejas minha	69
Cunha e Silva.....	70
Espero por ti no lugar onde for!	70
Daniel	72
Ah! Minha Rosa, em flor	72
Defesa (Fado da defesa).....	74
Branca, pura, imaculada.....	74
Dois Tons.....	75
Sinto-me calmo, moço	75
Esmeraldinha.....	76
A Companhia vai ao mar	76
Estoril.....	77
Maria Severa	77
Évora	79
Quando Jesus era criança.....	79
Fininho	80
Eu vi que os teus olhos marejavam.....	80
Franklin 4 ^a	81
Sofia	81
Franklin 6 ^a	82
Meu Deus! Porque ando só?	82
Freira (ou Oliveira)	83
Zé do Telhado.....	83
Georgino	85

Brotaram novos amores.....	85
Ginjinhas	87
A encantada.....	87
Helena	88
Silvalde	88
Horas (Fado das horas)	90
Agradeço o que o fado me deu	90
Idanha	92
A alma consegui roubar-te.....	92
Isabel.....	93
A bela, branca, que sonhou viver	93
João Maria dos Anjos	94
A minha amiga solidão	94
Jovita.....	96
Durmo para ver o meu amor	96
Joaquim Campos (Alexandrino)	97
E o dia clareava.....	97
Laiva.....	99
Se isto é amar de verdade.....	99
Lala	101
A bem da Nação	101
Laranjeira	102
De Almeida, fadista	102
Latino	104
Dois irmãos felizes.....	104
Lenitivo	105
Crianças felizes maltratadas.....	105
Licas	107
Amigo.....	107
Lopes	108
Tu és Maria das Dores.....	108
Louco.....	109

A minha maior ventura	109
Loucura	110
Quando eu me encontrei com Jesus	110
Magala.....	112
Filho do mar e da areia do nosso Espinho	112
Macau.....	114
Sebastião José de Carvalho e Melo	114
Manel Maria.....	115
A minha melhor Aurora	115
Marana	117
Já não me importo quem eras	117
Marceneiro (Fado do Marceneiro).....	118
Eras o meu suave anoitecer.....	118
Margaridas.....	120
O Meu amor. Eterno.....	120
Maria Marques.....	121
Lembro da minha casinha	121
Maria Rita.....	123
Hão sol ter	123
Maria Vitória	125
Em certa noite de luar.....	125
Mayer.....	126
Ana Catarina.....	126
Meia Noite.....	128
O fado é que é vida.....	128
Menor	129
Ana Lúcia Vera.....	129
Menor do Porto.....	130
Os meus olhos querem ver	130
Modesto	131
Menina de à beira Tejo	131
Moleira (ou Moleirinha)	133

Homenagem ao pescador.....	133
Moreninha	134
Há tempo que não te vejo	134
Mouraria.....	135
Nossa Senhora de Fátima, sou peregrino	135
Odeon	137
Uma história da Benvinda	137
Olga	139
Espinho	139
Pajem.....	140
O Meu Espinho lindo.....	140
Fado Patolas (ou Tradição)	142
O julgamento do boi	142
Pedro Rodrigues 6 ^a	144
Eterna história de amor.....	144
Pechincha	146
Quando se sabe que se ama	146
Perseguição.....	147
A nossa Senhora de Fátima	147
Pierrot.....	148
O meu fim primeiro	148
Pinoia	149
A empregada de mesa.....	149
Pintadinho	150
O regicídio.....	150
Porto.....	151
Lado a lado na igreja	151
Primavera	152
História do trovador	152
Puxavante	153
O amor, sobrevivente.....	153
Raúl Pinto.....	154

O fim do não viver	154
Fado Patolas Ou tradição	156
O Erveleireiro	156
Rosa	158
Quem de vós chora.....	158
Rosita	160
Pedro e Inês	160
Santa Luzia.....	161
Que infeliz destino o meu	161
Seixal.....	162
O meu mar de Espinho.....	162
Sérgio	163
Marília	163
Sevilha.....	164
Saudades de Espinho	164
Solene.....	165
A cor pálida da morte	165
Súplica	166
Não Creio em ti	166
Tamanquinhas	167
Sou o fado que te alcança.....	167
Tango.....	168
Ó! Meu Senhor redentor	168
Três Bairros	169
Trago-te dentro do Peito	169
Tia Dolores.....	171
Da minha alma vejo-te.	171
Triplicado.....	173
A Felicidade.....	173
Vadio	175
Por detrás da cortina há ela.....	175
Velho	177

Mulher encantadora	177
Versículo.....	178
Ontem, a cantar	178
Vieira	179
De fé, o pescador.....	179
Vianinha.....	181
Porque o amor não morre....	181
Vitória.....	183
Duas vidas separadas	183
Zé António 4 ^a	184
Temos a sorte que temos	184
Zé António 6 ^a	185
Ando na noite.....	185
Zé Grande	186
Foste menino	186
Zé Marques do Amaral	187
Ah! Se eu soubesse.....	187
Zé Negro.....	188
A senhora feliz.....	188

Prefácio

Esta obra é dedicada ao Fado Tradicional: De “Adelino” a “Zé Negro”. O autor revela que cada letra é meramente uma estória e cada letra indica a melodia com a qual deve ser cantada, existindo ainda a possibilidade de ser adaptada a outra. Em direto, presencialmente ou através das plataformas.

Neste conjunto de letras o autor revela os seus diversos estados de espírito, e, bastas vezes relata os dos seus amigos ou vivências destes em particular.

A melancolia, a saudade, a tristeza, mas também a alegria e a esperança estão presentes nas letras deste autor.

“O fadista é um ator, também”, diz. Há sempre uma mensagem, umas vezes entendível e noutras perçetível e uma verdade em cada. “O fado é para se dizer...”, conta.

“Todo o amor ou outra coisa qualquer que envolva vida, morre.”, e isso faz sentido nos temas que aqui apresenta, e este é o modo que o autor encontrou para expressar sentimentos. Aqui se destaca a letra que escreveu para a sua mãe, Aurora Ferreira Campos, com o (título) Aurora do Jesus, Peixeira, em que a realidade é mais realçada que o amor.

Nesta obra o autor apresenta poemas de valia. As contrapartidas/recompensas para o leitor são de fato existentes dependendo do hábito e da predisposição do público, em geral, e do fadista em particular, que ao utilizar o seu sentimento e olhar mágico, poderá transformar cada trecho, cada melodia, numa obra única para o seu desejo pessoal ou oferecer ao amante do fado.

Efetivamente, e pela obra, constata-se que o amor é determinante no caminho do autor. Jorge JC Campos nasceu a ouvir e a gostar de fado como relata em diversas ocasiões nesta obra.

Saúdo com especial afeto, o entusiasmo e trabalho de investigação do autor.

Fernando Teodósio

Adelino

A lenda de D. Fuas Roupinho

Música Adelino dos Santos

É de D. Fuas Roupinho
a lenda de que escrevo agora,
de Porto de Mós, alcaide,
que reza na nossa história.

Diz-se de el-rei D. Afonso:
um amigo dedicado,
à cristã ibérica reconquista:
O seu nome está ligado.

De glória, no imaginário.
Comandante naval, o primeiro,
exerce funções de corsário.
Vitória ao português marinheiro.

Contorna o Sul e o Algarve:
ainda não conquistado,
passa o de Gibraltar Estreito,
regressa e aumenta a armada.

Reconhecido de el-rei,
em Porto de Mós descansava,
à caça se entregava,
do veado se livrou.

Quando ali se produziu
o Milagre da Nazaré,
ele, e o seu nobre cavalo:
O Diabo perseguiu.

Em tempo de encoberto
era veado ou maldito,
A nossa Senhora da Nazaré
Livrou-os do precipício.

Ainda hoje o milagre
na rocha pode ser visto,
foi feita pequena ermida
E o Mosteiro (da Nazaré) pelo dito.

Adiça

As horas passam, não passam

Música Armandinho

As horas passam, não passam:

Há gente na imensidão.

Há palavras que machucam

Se não são ditas em vão.

Por agora sou incapaz,

Nem o vento levou

Esse bem que o amor faz:

Nem em ruim mar naufragou...

O amor, sobrevivente

Que a minha mente guardou:

O que me faz sentir gente

A ela nada sobrou...

E vencer a incerteza

Navegar em manso mar

Brisa suave é o amar:

O meu amor a minha certeza.

Se houver igual dia

De novo de a noite vier,

E a noite for maior que do dia,

Então prefiro morrer.

Alberto

A melhor Aurora

Música Miguel Ramos

Eu vi a minha mãe e a madrugada:
Nasceu nobre, leal e verdadeira,
Amiga, sempre mãe com quem contava,
A mulher de guardar, de uma vida inteira.

Então ela pediu para recordar,
De todos e só os seus amores primeiros,
Os seus filhinhos que a custo soube criar,
Netinhos de costume e orgulho vareiro.

Os mais velhos cedo foram trabalhar,
A vida era pobre e desgraçada,
Mas soube a todos nós nos ensinar,
Que o certo para viver é vida honrada!

Viver sem uma mãe não é viver,
Se ela após morrer for esquecida,
Feliz de mim que sei que posso ter:
A minha Aurora pela manhã nascida.

Alcântara

Dois fados num fado

Música Raul Ferrão

Gosto de ti, por gostares da falsa mentira.
Quem é que me livra da verdadeira mentira!
De a divulgar!

Ai quem me dera.
Quis inventar a palavra,
Não era de manhã brava,
Há silêncio.

Da mentira, da mentira eu supunha,
Mal, até coisa única,
Incauto pranto.
Então se a falsa é a mentira risonha,
Sonho que alma nem sonha,
Hei de nela não ter fé?

Bem desejei quente beijar o teu rosto!
Que matasse este desgosto,
E quente apertar-te a mão,
Se fosse meu e é teu meu coração,
Divina era esta união,
Fosse teu este meu gosto...

Falsa mentira, a mais grata e bem-vinda,
Enche-me de rosas o peito,
Abrilhanta o meu luar
Falsa mentira é tão menina,
Futura varina, que hei de apregoar.

Quem serás tu,
Quem serás agora, atento.
O dono do meu lamento,
Que doce olhar,
O do singelo, o de novo e de castelo,
O de alcançar o mais belo,
Melhor sustento.

Falsa mentira, soubeste tu mais valeres!
Do verdadeiro sofrer, que tenho a haver?
E a mentira verdadeira já fez homem,
Que as falsas jamais sobrem!
Que um sol sonhe nascer!

Saberei? Que vai nela a tua alma?
Que me alimenta e me acalma,
Novo sorrir de criança,

Ser de esperança, andorinha ou de pele alva,
Que longe de mim, voava...
Ou da minha semelhança.

Alfacinha

Que a tua vida renasça

Música Jaime Tiago dos Santos

É amor não sei porquê,
Por amor nem sou gente,
De olhos de não ver e que vê,
De não sentir, e que mente.

E a brisa leve se prende,
Envolta nos teus leves braços,
Eu aquele que só entende,
Sentir e seguir os teus passos.

De olhos marejados, castos,
De noites sem bom luar,
Andas de sentidos gastos,
De água, que nem de mar...

É o meu pedido singelo,
Que a tua vida renasça,
É triste o que na alma levo,
É o sofrimento, a graça.

Alice (Maria Alice ou Raquel)

A velhinha mendiga

Música Frederico de Brito

Mendigava pela rua,
Que triste sina a sua,
Procurava um destino.
Tinha sido despedida,
Andava sem ter guarida,
Perdera o emprego indigno.

A arrastar-se, deambular pelo mundo,
De pensamento profundo,
Trazia o seu parco haver.
Um saquinho, tão branquinho e mais de nada,
Derrotada e cabisbaixa,
Nascera para sofrer.

Caminhava, rosto de doer,
Passo arrastado e lento,
Velhinha, sem posses ter.
Um saquinho, e mais de nada,
Derrotada e cabisbaixa,
Nascera para sofrer.

Tinha sido malfadada, despedida,
Andava sem ter guarida,
Perdera o emprego indigno.
A quem manda, não o deixe acontecer
Pra que os pobres sem nada
Não perguntem, para quê viver?

Amália

Amália cantadeira de Lisboa

Música Frederico Valério

Amália cantadeira de Lisboa,
Amada, rainha de Portugal,
Do fado ao popular, quem te ouve a cantar,
Amália, que viu a Pena.

Amália, em português no mundo inteiro,
Da marcha à música tradicional,
Doce representar, nas telas a brilhar,
O fado no Retiro da Severa.

História de uma cantadeira,
A das flores a bordadeira,
Amália, ai mouraria.

Amália, gostavas de ser quem eras,
Encantava, «Estranha forma de vida»,
Os teus autores cantar, teus versos declamar;
Amália, que bem os vivem.

Amália, a diva galardoada,
Com as Ordens e Cruzes de Portugal,
Que o dia há de durar, a morte te livrar,
Da bruma, do esquecimento.

Quem hoje te cantar,
Amália vai viver,
Sublime, amor primeiro!

Amora

Depois do dia vem noite.

Música Joaquim Campos

Depois do dia vem noite,
Depois da noite vem dia,
Recordação e a saudade,
Da bela que outrora tinha.

O sol de ti, a verdade,
Um vil, um cruel destino,
O mais longo e triste fado,
Um bem-nascido mendigo.

Cada qual tem o seu encanto,
Em ninguém pra me encantar,
Porque não sei o caminho?
Um de sol ou de pousar.

Sou como o tempo, parado.
Como um milhafre ferido,
No meu livro apontado
O tempo que passei contigo.

Virá o tempo do trigo:
Se o soube semear,
Não o soube nem consigo,
Soubesse eu em ti, cultivar.

Anadia

Hás de chegar um dia

Música José Maria dos Cavalinhos

Nesse teu rosto eu senti o azul dos céus,
Que perfumava a natureza florida,
Purificava a paisagem do meu peito,
Dava vida à minha alma, quase sem vida.

Ficávamos sós em tenda por mim montada,
Que fiz guardar pelos raios das estrelas,
Para que nela mais ninguém tivesse entrada,
Saudar-te, beijar as tuas mãos tão belas.

Fundava ali o nosso reino, de amores,
Nascido de sois, de lagos e de horizontes.
Viajámos juntos ao colo do vento,
Amamo-nos por entre vales e montes.

Dormi em ti, por ti canto esta vaidade,
Apregoando ter visto o que viria,
Para o poeta, o que sonha é verdade.
Realidade que há de viver um dia.

Aracélia

Dia de lembranças

Música Armando Machado

Bem sei que hoje é dia de lembranças,
De dores e dos amores que não perdi.
Em nívea tela o teu rosto “componho”:
Aquele que um dia me fez sorrir.

Entre gente caminhando, vivo só,
Chora por dentro alma, e então menti,
Como se eu pudesse sem ti, viver...
Viver é o querer morrer por ti.

Sonhando vou beijar o teu rosto lindo,
Encontrar-me mais só ao acordar.

Só porque à noite finjo: vou a dormir,
Procuro e encontro algum alívio.

Artilheiro

Nasci para o fado

Música Joaquim Frederico de Brito

Nasci e vivo pró fado,
Não tenho morada certa,
Sinto o fado em todo o lado:
Onde haja porta aberta.

O fado é minha casinha,
Não perguntem onde fica,
De uma Amália a um (Farinha),
Onde haja gente amiga.

Ah fadista! Se bem cantado,
Tão bem se pode dizer,
Cada um tem o seu fado,
Que nem o pôde escrever!

Versos e trovas, doença sem cura,
Cada noite é não perdida:
E a tristeza, e a amargura
É sempre lição de vida.

A mais doce melodia
É uma guitarra a trinar,
E a “fadistice” glória “infinda”
De quem o sente cantar.

Bacalhau

A sublime de entre as flores

Música José Bacalhau

A sublime de entre as flores,
A rosa do roseiral,
Marejada de um luar.

Uma branca que sorria,
Brisa nova trazia-me,
Aromas de perfumar.

A dona da luz do dia,
Aquela que eu descrevia
Ser a mais bela, de “lis”.

Veria noutro jardim,
Irmã tão bela assim,
Das irmãs a mais feliz.

A musa do meu suspiro,
O meu poema de delírio,
A de tão doce colher,

Como amor que quer florir,
Acabava de abrir,
De suave amanhecer.

Bailado (ou Fado dos olhos fatais)

A Vénus, o meu triste fado.

Música Alfredo Marceneiro

A bela de um sol, o pranto,
De ninho de amor criado,
A de água, o cristalino,
De bem-fadado destino,
De cavalo, tão leve, alado.

A de mel, doce cuidado,
A de flor, açucarada,

Que em rio flutuou,
A que um mar esperou,
A minha alma, encantada.

Sou a calma, a noite levou,
De fino, orvalhado prado,
A ternura, atenção,
De cuidada criação,
De raro ar, refinado.

Nívea pele, o luar,
O instante, o dourado,

Azul, mar, onnipotência,
A vida, o final, a essência,
Outra luz que a um céu é dado.

A singela, a tão formosa,
Dito, a brisa cantou,
O melhor dia criado,
A Vénus, o meu triste fado
Que a natureza formou!

O eterno, imaginário
A de alecrim, ninfa, santa,

Uma luz em “infindos” prados.
Cristalino, de desenhados lagos,

Ó! Dia que chega, de bonança.
O etéreo, o marejar,
Uma voz que ecoou,
Por entre sonhos, diverso,
A musa, o Universo,
Que a existência pasmou!

Bailarico

Lisboa

Música Alfredo Marceneiro

Sempre me visto a preceito,
Tenho Alfama e a Madragoa,

Quem entra pelo Terreiro,
Vem procurar, a Lisboa.

Quem me quiser namorar
E conhecer o meu fado,

Ao pé do Tejo vou estar:
Querer namorá-lo.

Tenho o Sol e a Liberdade!
Do moderno e do antigo,

Onde esteja à vontade,
O berço do fado amigo.

Quem vem sabe aonde mora:
O trinar de uma guitarra,

Uma voz que a cantar chora:
À sua Lisboa amada,

Quem se queira enamorar
Há de voltar um qualquer dia,

Porque Lisboa é saudade,
Lisboa, eterna menina.

Balada (Fado da Balada)

O Fado do Zé António

Música Alfredo Duarte

Nasci assim e concordo,
Há que esgrimir e lutar,
Como diz a voz do povo,
Há que aprender a remar.

Quando se segue à vontade,
Se Deus nos traça um destino,
Indiferente à idade
Soube trilhar o meu caminho.

Ondas revoltas galguei
Prós meus filhinhos criar,
Sangue e suor derramei
Quantas vezes a chorar.

Pra a minha história contar:
A pulso a escrevi,
Tantas vezes madrugar,
Só eu sei o que sofri.

Tenho orgulhos nos meus,
Eles dirão se bem fiz,
Façam o mesmo com os seus:
Sejam como eu feliz.

Segui o velho conselho:
Tem sorte quem trabalhar,
Ainda cumpri o meu desejo:
Do meu fado poder cantar.

Batê

O fado tudo me diz

Música José António Sabrosa

Não há nada mais perfeito,
Do que o que trago no peito,
O fado tudo me diz.

A tradição é contada
A viola e a guitarra,
A alma de um País.

Sempre que se canta o fado:
Há raça e altivez,
Se corridinho ou falado,

No mundo é português.
Há quem diga que o fado:
É como Pedro e Inês.

Sou da família do fado!
Por ele enamorado,
Inseparável talvez...

Património, consagrado,
Há quem diga que o fado:
É como de Era uma vez.

Zé Negro

A senhora feliz

Música Francisco José Marques

Os seus olhos amendoados,
Despertos, pretos, marejados,
Por vezes os meus encontravam.

Ela, era um quadro pintado,
Docemente emoldurado,
Com fluidos de magia.

Ela era um rosto novo,
Sonhada diva de um povo,
Ela era poesia...

Ela era alma, o sagrado,
De algum conto retirado,
A mais luz da luz do dia.

O seu amor a seu lado sentado,
De perfume embriagado,
Serenamente olhava o "luar".

E um céu que por magia,
Onde ela livre voar podia,
A avermelhar além-mar.

Ela sorria... E dançava...
Por uma orquídea acompanhada,
De névea a marejar,

O seu calor, deixei entrar,
E a sorrir, e a sonhar,
Vi jovem, nova a abrir.



1. **Sem Letras para Fado**, Jorge JC Campos
2. **Cem Letras para Fado – Fado Tradicional de Adelino a Zé Negro**, Jorge JC Campos



media@gagicrc.com

<http://media.gagicrc.com/>



Jorge Manuel Ferreira Campos Soares, sempre dedicou, em segredo, a sua vida à escrita. Tratado carinhosamente em família por Nel, nasceu em Espinho, na freguesia de Silvalde, a 11 de setembro de 1966. Filho de João Oliveira Soares e de Aurora Ferreira Campos. Descende de almas vareiras, nascidas ao mar de Espinho. Ainda muito novo começou a cantar em festas de família e de amigos. Jorge JC Campos aliava às características particulares do timbre da sua voz a uma educação vareira que lhe permitiu cantar pela primeira vez em público, na tasca dos seus pais, em duo com o seu irmão Joaquim Jorge o (fado) Canoas do Tejo.

Frequentou as escolas Manuel Gomes de Almeida e Manuel Laranjeira em Espinho sempre com o objetivo de apreender o máximo acerca da nossa língua portuguesa.

Aos 16 anos, Jorge Campos emprega-se como funcionário numa fábrica de ferragens da Freguesia de São Félix da Marinha, freguesia muito próxima de Espinho.

Aos 18 anos começou a distinguir-se entre os amigos pelo valor artístico dos seus trabalhos tendo em conta o seu grau académico de então (9 ano).

Aos 20 anos com a morte do seu pai, e depois de o serviço militar cumprido, foi obrigado a andar por aí, a trabalhar, para se sustentar e criar família.

Até hoje, exerceu atividades sem ligação à arte de escrever, tendo sido funcionário em diversos hotéis e restaurantes como empregado de mesa.

A sua vida seguiu outros caminhos e hoje vive essencialmente centrado na escrita de letras para canções, fado em particular. Pretende agora iniciar-se na vida artística, nesta área.

Chega assim à GAGICRC Media Press, pela mão do seu responsável, Fernando Teodósio, onde demonstra todo o seu talento na arte da escrita.

Do mesmo autor: SEM LETRAS PARA FADO